



As transformações da fecundidade das mulheres brasileiras no período de 1970 a 2010

Fabiana Jorge Azevedo¹, Prof^a Dr^a Maria Coleta F. A. de Oliveira²

¹ Instituto de Matemática, Estatística e Computação Científica (IMECC)

² Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) / Núcleo de Estudos de População (NEPO)
e-mail: fabiana.estat@gmail.com



Financiamento: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)

Palavras-chave: Fecundidade – Desigualdades sociais – Família.

Objetivos

O projeto teve como principal finalidade mensurar e analisar as transformações ocorridas na fecundidade da mulher brasileira ao longo das últimas décadas. O trabalho destacou a rápida e expressiva redução do número médio de filhos por mulher e procurou explorar se essa redução poderia significar que as mulheres brasileiras estariam adiando o momento de ter filhos.

Os resultados remetem ao comportamento da fecundidade feminina segundo alguns diferenciais socioeconômicos, sendo eles: situação de ocupação, quintil de renda domiciliar per capita, raça/cor, situação do domicílio e nível de instrução.

Metodologia

Para o desenvolvimento do trabalho, fez-se uso dos microdados dos últimos cinco Censos Demográficos brasileiros – 1970, 1980, 1991, 2000 e 2010 –, utilizando o software SPSS Statistics para o tratamento das informações.

No estudo realizado foi considerado apenas a população feminina que tinha idade entre 15 e 49 anos – isto é, que estava em idade reprodutiva – no ano do recenseamento, sendo calculadas Taxas Específicas de Fecundidade (TEFs) por idade e Taxas de Fecundidade Total (TFT) ajustadas pelo método P/F de Brass. Nessa apresentação, destacamos os níveis da fecundidade corrente (TFT) e a proporção de mulheres por grupo etário que permanecem sem filhos nascidos vivos em três anos censitários (1970, 1991 e 2010).

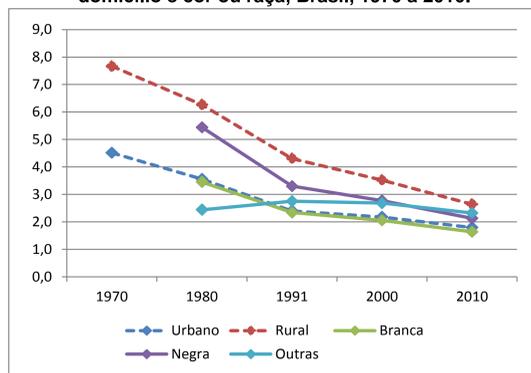
Resultados

• Taxa de Fecundidade Total

No Gráfico 1, a primeira característica interessante que notamos é a semelhança do comportamento de queda das TFTs das brancas e das que vivem em domicílio urbano. Embora em níveis mais elevados, a redução também foi constante, e mais intensa entre as mulheres negras (que compreendem as pretas e pardas) e aquelas que vivem em domicílio rural (que apresentam os níveis mais elevados durante todo o período analisado)

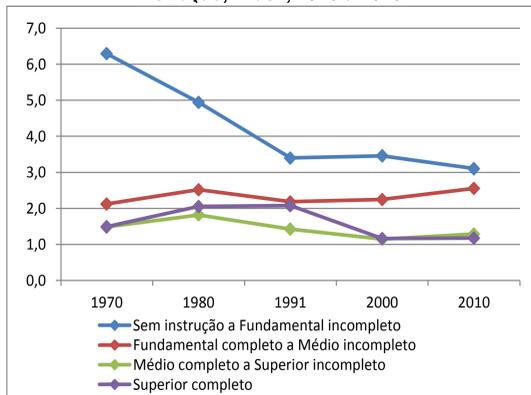
Todos os grupos ao final do período atingiram níveis baixos de fecundidade, com destaque, as mulheres brancas e as urbanas que apresentam valores inferiores à reposição populacional – tomada como a média de 2,1 filhos por mulher.

Gráfico 1: Taxas de Fecundidade Total por situação de domicílio e cor ou raça, Brasil, 1970 a 2010.



Fonte: Censos Demográficos, 1970-2010. Elaboração própria.

Gráfico 2: Taxas de Fecundidade Total por nível de instrução, Brasil, 1970 a 2010.

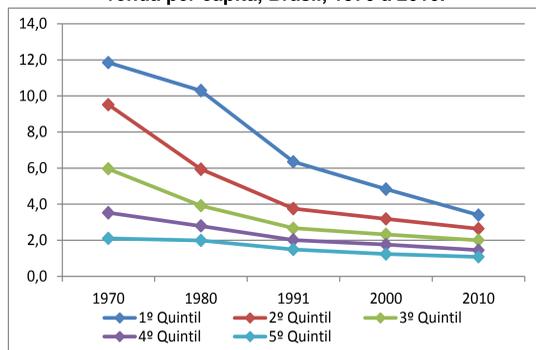


Fonte: Censos Demográficos, 1970-2010. Elaboração própria.

Algo semelhante à escolaridade ocorre quando se avalia os diferenciais de fecundidade segundo quintis de renda domiciliar per capita (Gráfico 3). Para a parcela mais rica, o nível de fecundidade sempre foi bem reduzido, a grande mudança ocorre entre as mais pobres, que passam de níveis bem elevados de fecundidade, média acima de 8 filhos, para uma média inferior a 4 filhos por mulher. Contudo, a diferença de fecundidade entre as mais pobres e as mais ricas ainda se mantém, de um número médio maior para as primeiras.

As mulheres sem instrução ou com ensino fundamental incompleto foram as que apresentaram as maiores taxas de fecundidade total nos cinco anos considerados – havendo, porém, uma grande redução ao longo do tempo, sendo a queda mais acentuada até 1991. (Gráfico 2). Devemos notar que as mulheres com “Médio completo a Superior incompleto” e “Superior completo” já apresentavam, desde 1970, níveis de fecundidade inferiores ao nível de reposição populacional. Mesmo diante dessa grande redução, ainda há uma diferença significativa entre a fecundidade das mais e das menos escolarizadas.

Gráfico 3: Taxas de Fecundidade Total por quintil de renda per capita, Brasil, 1970 a 2010.



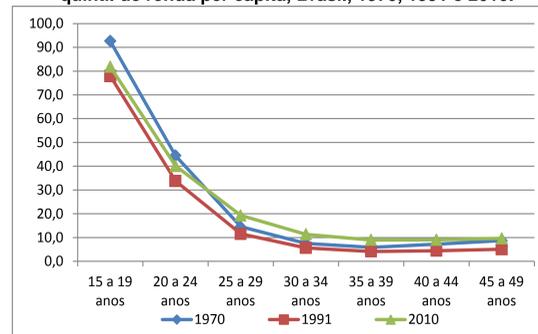
Fonte: Censos Demográficos, 1970-2010. Elaboração própria.

¹ Lembremos que as informações sobre cor ou raça foram captadas apenas a partir do Censo de 1980.

• Proporção de mulheres sem filhos

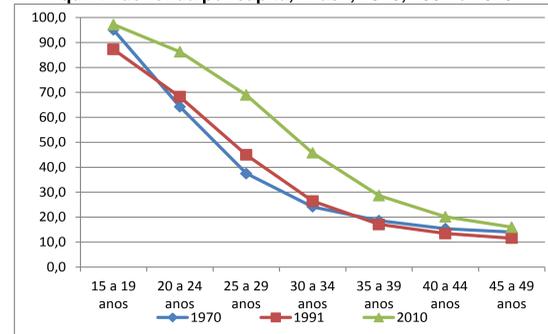
Ao avaliarmos o número de mulheres sem filhos, observamos que entre o grupo mais pobre (Gráfico 4), há pouca mudança nas proporções, exceto para as idades entre 15 e 24 anos onde era relativamente menos frequente ter filhos nessas idades em 1970, do que nas décadas posteriores. Situação que se inverte para os grupos etários a partir de 25 anos, onde observamos em 2010 uma proporção levemente superior de mulheres sem filhos, se comparado aos anos anteriores. A experiência de não ter filhos ou de demorar para tê-los parece ser mais característico do grupo mais bem situado na escala de renda domiciliar (Gráfico 5), destacadamente em 2010. O comportamento é muito distinto dos anos anteriores, exceto para as idades a partir dos 40 anos, em que as proporções daquelas sem filhos se aproximam do registrado em 1970 e 1991. O que indicaria que em algum momento da vida as brasileiras mais ricas teriam ao menos um filho. Mas no geral, há uma proporção mais elevada de ricas do que de mulheres pobres sem filhos.

Gráfico 4: Proporções de mulheres sem filhos, no primeiro quintil de renda per capita, Brasil, 1970, 1991 e 2010.



Fonte: Censos Demográficos, 1970-2010. Elaboração própria.

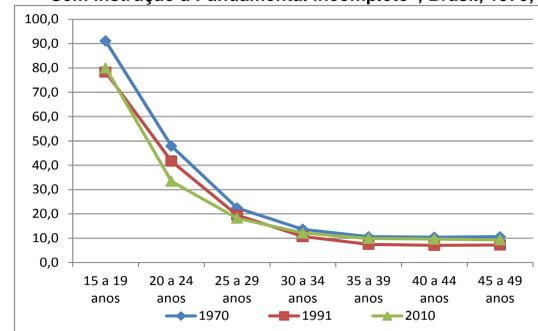
Gráfico 5: Proporções de mulheres sem filhos, no quinto quintil de renda per capita, Brasil, 1970, 1991 e 2010.



Fonte: Censos Demográficos, 1970-2010. Elaboração própria.

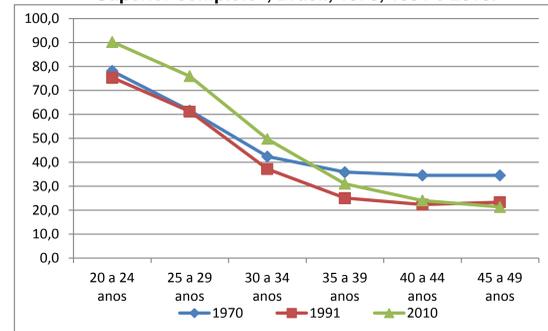
Analisando os extremos educacionais, as proporções de mulheres sem filhos por grupo etário das menos escolarizadas (Gráfico 6) mostra que ter filhos nas idades mais jovens era algo menos frequente em 1970 do que nas décadas posteriores. Mas a partir dos 25 anos de idade, nota-se pouca mudança nas proporções de mulheres sem filhos nos três anos destacados. Entre aquelas de maior nível educacional (Gráfico 7) o comportamento é bastante distinto. No ano de 2010, as proporções de mulheres mais jovens sem filhos, até a faixa de idade de 30-34 anos, são mais elevadas do que nos outros anos destacados. Mas ao final do intervalo da idade reprodutiva observamos que relativamente era menos frequente entre as mais escolarizadas ter filhos depois dos 35 anos em 1970 do que nas décadas posteriores. Novamente, quando comparadas as mulheres dos dois extremos educacionais vemos que a experiência de não ter filhos tem sido relativamente maior no grupo das mais escolarizadas. Inclusive se comparadas com as proporções observadas para as mulheres de maior renda (Gráfico 5).

Gráfico 6: Proporções de mulheres sem filhos, na categoria "Sem instrução a Fundamental incompleto", Brasil, 1970, 1991 e 2010.



Fonte: Censos Demográficos, 1970-2010. Elaboração própria.

Gráfico 7: Proporções de mulheres sem filhos, na categoria "Superior completo", Brasil, 1970, 1991 e 2010.



Fonte: Censos Demográficos, 1970-2010. Elaboração própria.

Considerações finais

Os dados censitários dos anos de 1970 a 2010 evidenciaram importantes transformações no cenário reprodutivo da mulher brasileira. O país, como um todo, converge para taxas bem baixas de fecundidade – algumas inferiores ao nível de reposição populacional de 2,1 filhos por mulher.

Além disso, houve também indícios de uma crescente proporção de mulheres postergando a maternidade, principalmente por parte do grupo feminino com melhores condições de escolaridade e de renda domiciliar per capita.

Bibliografia

[1] MIRANDA-RIBEIRO, A. O “efeito tempo” e as tendências da fecundidade brasileira: uma aplicação do modelo de Bongaarts & Feeney. ABEP, 2004.
[2] BONGAARTS, J., FEENEY, G. On the quantum and tempo of fertility. In: Population and Development Review, n. 24, p. 271-291, 1998.
[3] MIRANDA-RIBEIRO, A.; ORTEGA, J. A.; RIOS-NETO, E. L. G. Efeito tempo, quantum e efeito parturição na transição da fecundidade no Brasil: aplicação do modelo de Köhler & Ortega. ABEP, 2006. p. 3.
[4] BERQUÓ, E.; CAVENAGHI, S. Mapeamento sócio-econômico e demográfico dos regimes de fecundidade no Brasil e sua variação entre 1991 e 2000. ABEP, 2004.